

# Representatividade feminina na sala de aula a partir das HQs da Capitã Marvel<sup>1</sup>

Luciana Kelly Ferreira Cavalcanti

**RESUMO:** O presente artigo foi elaborado como requisito da disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso II* e tem o objetivo de discutir como as HQs da Capitã Marvel podem ser um aporte teórico eficaz para trabalhar a representatividade feminina na sala de aula nas turmas de educação básica. Além de investigar como tais histórias em quadrinhos podem apresentar um exemplo de representatividade positiva, e, conseqüentemente, possibilitar o debate de temas pertinentes, quebrando estereótipos machistas enraizados numa sociedade patriarcal. Para isso, foi utilizado Rama e Vergueiro (2010) para conduzir a discussão acerca da utilização das HQs na sala de aula; sobre a figura da mulher na sociedade contemporânea e a importância de uma pedagogia feminista em sala de aula, Louro (1997) e Hooks (2013); bem como a análise de 12 HQs da personagem título do artigo.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos; Capitã Marvel; representatividade feminina; protagonismo feminino

**ABSTRACT:** This article has been built as a requirement from the University's course "Trabalho de Conclusão de Curso II" as an Undergraduate Thesis, with the purpose of discussing how Captain Marvel's comic books can have an effective theoretical contribution to work female representativeness inside the classrooms of Basic Education. Besides investigating how these comics may present an example of positive representativeness and, consequently, enable the debate over relevant themes, breaking macho stereotypes rooted in a patriarchal society. Therefore, Rama and Vergueiro (2010) was used to conduct the discussion concerning the use

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado por Luciana Kelly Ferreira Cavalcanti, discente do curso de graduação em Letras Português – Licenciatura (UFPE), como requisito de aprovação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Moraes. A banca examinadora foi composta pelo Prof. Dr. Ricardo Postal (UFPE), na condição de orientador, e pelo Prof. Paulo Ricardo Ferreira Floro Costa na condição de examinador.

of comics in the classroom; regarding the women's figure in contemporary society and the relevance of a feminist pedagogy in the classroom, Louro (1997) and Hooks (2013); as well as the analysis of 12 (twelve) comic books of the title character of this article.

**Keywords:** Comics; Captain Marvel; female representation; female protagonism

## 1. INTRODUÇÃO

Em termos midiáticos, vivemos na era dos super heróis. Isso é indiscutível, pois eles estão em tudo: nas músicas, camisetas, propagandas. A cultura vinda dos quadrinhos está tão enraizada no imaginário popular que chega a ser difícil precisar quando conhecemos o Batman, Hulk ou Superman, porque parece que eles sempre estiveram ali, fazendo parte da sociedade e da nossa formação. Tal influência se potencializou ainda mais a partir do *boom* dos filmes de super heróis a partir dos anos 2000, tornando ainda mais acessível o contato com esses personagens.

Por isso, podemos afirmar que é praticamente impossível escapar dessa influência, pois até mesmo os menos interessados pelo universo dos quadrinhos sabem algo da história dos heróis e sequer se dão conta de como adquiriram tal conhecimento. É, portanto, através dessa influência inconsciente que diversos estereótipos são reforçados ou quebrados. Dessa forma, questionando o processo de (des)identificação provocado pelo contato com os super heróis, destacamos a importância de uma representatividade que acolha os diversos públicos, isto é, a importância de todas as pessoas se enxergarem naqueles heróis. Não é incomum que as crianças, durante suas brincadeiras, escolham um herói que desejariam ser. Mas, até onde essa é uma escolha consciente? Quais os exemplos de heróis são objeto de desejo de uma criança e até onde essa representatividade os acompanha até a vida adulta?

Dada essa importância, se perguntássemos a um grupo de crianças e jovens “qual o seu herói favorito?” ou “o que é ser um herói para você?” quantas respostas receberíamos apontando, na verdade, o nome de uma heroína? Partindo do pressuposto que acreditamos que todas as nossas escolhas passam por diversas

construções ideológicas, essa escolha não deve ser de todo inocente e, revela, portanto, uma luta já conhecida: qual lugar é destinado às mulheres na sociedade?

Dessa forma, utilizando as histórias em quadrinhos, refletimos sobre como as HQs da Capitã Marvel podem ser um aporte para o trabalho/debate sobre representatividade feminina na sala de aula. Ao admitir a escola como um poderoso agente transformador e apresentar diferentes perspectivas acerca da representatividade feminina, defendemos a ideia que os quadrinhos podem aprimorar a perspectiva crítica, modificando e expandindo o letramento das crianças e melhorando a percepção das meninas sobre si mesmas.

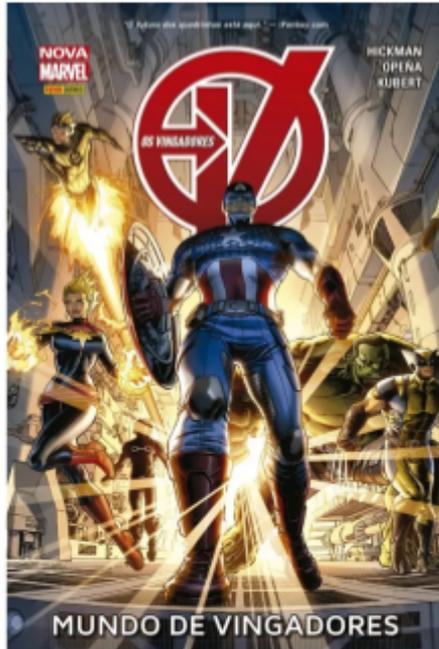
Nesse sentido, é preciso partir para a prática, em busca de materiais que apresentem exemplos de uma representação mais próxima do modelo que se pretende alcançar. Dito isso, a presente pesquisa tem como objeto de análise as HQs da Capitã Marvel como um dos exemplos de representatividade feminina positiva que, embora ainda possua questões controversas em seu desenvolvimento, mais se aproxima do modelo ideal de representatividade do que se distancia dele, se adaptando ao longo dos anos para melhor se adequar às demandas sociais latentes.

Carol Danvers, a Capitã Marvel, foi criada em 1968 por Roy Thomas e Gene Colan e inicialmente se encaixava no estereótipo de coadjuvante à sombra do herói, sendo o interesse amoroso de Mar-Vell, o Capitão Marvel original. Apesar disso, mesmo antes de ser protagonista, era descrita como uma mulher forte, ocupando o cargo de oficial da força aérea dos Estados Unidos. Por isso, foi a escolhida para ser o símbolo da *Marvel Comics* que buscava acompanhar as movimentações feministas que eclodiram na década de 70, trazendo, quase dez anos depois, a Carol Danvers para o lugar de protagonismo. Carol, agora com poderes imensuráveis, também abordava em suas histórias pautas feministas, o que foi uma decisão acertada da editora, na busca de acompanhar as mudanças que estavam surgindo na sociedade, ao criarem sua maior heroína.

A criação da Capitã Marvel também pode ser entendida como uma tentativa da Marvel Comics de equiparar-se à DC Comics, sua maior concorrente no mercado, a

qual já possuía uma heroína própria e super poderosa: a Mulher Maravilha. Assim, a Capitã surge como uma personagem extremamente poderosa e além de estrelar as próprias histórias, também participa do grupo de heróis Os Vingadores, aparecendo em momentos que o grupo necessita de maior ajuda, como por exemplo na edição *Os Vingadores: Mundo De Vingadores*, em que os heróis enfrentam uma batalha interplanetária.

Figura 1:



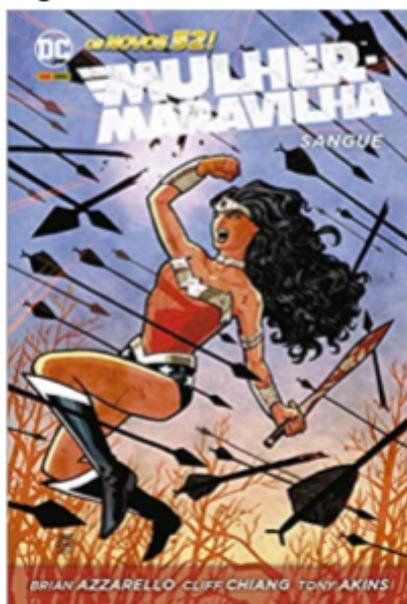
OS VINGADORES: Mundo De Vingadores. São Paulo: Panini, 2021 AVENGERS. Nova Iorque: Marvel Comics, 2013

Uma das notáveis diferenças entre a Capitã Marvel e a Mulher Maravilha, e uma das razões pela escolha daquela e não desta para ser objeto desse trabalho, são seus uniformes. Embora a amazona seja uma mulher forte e poderosa, sua representação nos quadrinhos ainda explora a sexualização de seu corpo, utilizando trajes que certamente seriam inapropriados para uma batalha, pois a deixariam exposta e vulnerável a um ataque, ainda que a heroína seja uma semideusa. Observando as capas de duas edições das heroínas entre 2011 - 2012<sup>2</sup> fica nítida a distinção entre os uniformes e a exploração de seus corpos em cada um deles.

---

<sup>2</sup> A edição americana *Wonder Woman* foi publicada pela Marvel Comics em novembro de 2011, porém, *Mulher maravilha: Sangue* só foi publicada no Brasil pela Panini no ano de 2019.

Figura 2:



MULHER-MARAVILHA: Sangue.  
São Paulo: Panini, 2019  
WONDER WOMAN. Nova Iorque:  
Marvel Comics, nov. 2011

Figura 3:



CAPITÃ MARVEL: A maior  
heroína da Terra. São Paulo:  
Panini, 2014

Importante ressaltar também que a edição da heroína da Marvel foi roteirizada por uma mulher o que certamente influenciou em todo processo criativo. Em seu estudo sobre como a mulher é representada nas histórias em quadrinhos as autoras Melo e Ribeiro pontuam:

“A imagem idealizada da mulher, ou melhor, do seu corpo, normatizadas nas HQs são na verdade representações de desejos e fetiches do imaginário masculino. Nos quais os escritores, desenhistas, roteiristas, na grande maioria do sexo masculino, procuram vender um modelo de mulher, ou pelo menos o que acreditam ser um. A partir desta modelagem da mulher nos quadrinhos, é percebida pelo seu corpo, sua sensualidade e suas formas externas, passando, assim, a fazer parte do desejo e sendo representada por 'atributos de seu corpo', não sendo dessa maneira evidenciada as reais capacidades e qualidades da mulher heroína, diferente dos personagens do sexo masculino que, geralmente, são representados e percebidos por sua força, inteligência e poder.” (MELO e RIBEIRO, 2015, p. 108).

Ainda sobre a temática, Soares pontua que “No contexto das artes, os homens normalmente possuem uma posição criadora e subjetiva, enquanto as mulheres estão em posição objetificada, com o corpo colocado para ser ‘olhado’.” (SOARES, 2021, p. 04) o que justifica o fato de que as heroínas são representadas quase sempre com uniformes reveladores que no combate não devem ser nada práticos

nem confortáveis, demonstrando que a verdadeira intenção dessa escolha de roupa se deve a atender uma necessidade do olhar masculino que consumirá a HQ, e não necessariamente preocupado em representar de maneira verossímil um uniforme adequado. Soares ainda aponta:

"As vestimentas denotam fragilidade, doçura e também sexualização e exposição do corpo da mulher, construído para satisfazer o olhar masculino [...] O item que mais representa a sexualização da Mulher-Maravilha é o laço mágico. Marston, criador da personagem, era admirador do bondage, um tipo de sadomasoquismo no qual a principal fonte de prazer consiste em imobilizar a outra pessoa" (SOARES, 2021, p. 06)

Ou seja, até mesmo um elemento que parece inofensivo à primeira vista, ou utilizado para representar a força da heroína é, na verdade, utilizado com outro propósito: o de fetichizá-la, mostrando assim que mesmo quando a mulher ocupa um lugar de destaque e poder, ainda é refém da sexualização masculina.

Outro assunto que poderia ser abordado é justamente a diferença entre o olhar masculino e o feminino na hora de escrever tais histórias. Em termos de comparação, é perceptível a necessidade de ter mulheres comandando histórias que falem sobre outras mulheres, pois:

"sem as vozes das próprias mulheres, é impossível ter um verdadeiro discurso de gênero. Mesmo com uma certa intenção "feminista", os quadrinhos estudados mantêm os aspectos de dominação masculina e distinção de gênero discutidos pelos movimentos feministas" (SOARES, 2021, p. 10)

Portanto, existe a importância de que mais mulheres estejam à frente das produções de quadrinhos de super-heroínas não só para atrair maior público feminino, mas, principalmente, para produzir histórias que respeitem a trajetória dessas personagens, dando mais ênfase aos seus feitos do que aos seus corpos.

Por isso, ao utilizarmos o termo "representatividade feminina positiva" nos referimos aos exemplos que configurem uma representatividade ideal, apresentando personagens femininas relevantes para a história e com arcos próprios. Isso seria, nesse contexto, ir contra os inúmeros exemplos de histórias em que às mulheres é destinado o lugar secundário, quase sempre como interesse amoroso, apoio

emocional, moeda de troca quando o objetivo é chantagear o herói, a única mulher do grupo ou a “personagem descartável”, cuja presença ou ausência não representa grandes alterações para a trama. Nos voltando para a educação, percebemos, portanto, que trabalhar com um exemplo feminino que divirja desses estereótipos misóginos e sexistas pode trazer pertinentes reflexões para a sala de aula.

Por isso, analisaremos de que forma é possível trabalhar o protagonismo feminino na sala de aula a partir das HQs da Capitã Marvel, quebrando paradigmas e estereótipos machistas pré-estabelecidos por uma sociedade patriarcal, reforçando através desse viés, uma representatividade feminina positiva.

Além disso, apresentar caminhos para trabalhar o protagonismo feminino na sala de aula, a partir das HQs da Capitã Marvel, possibilita diferentes perspectivas, quebrando paradigmas da hegemonia masculina nos quadrinhos. Dessa forma, será imprescindível analisar a importância de visões múltiplas numa sociedade machista/patriarcal, através da ótica feminina; considerar as HQs para a formação da identidade, como ferramenta para construção e reconhecimento de identidade(s); e compreender como as HQs promovem e contribuem para o letramento multissemiótico.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Para analisar a importância de se utilizar as histórias em quadrinhos como um aporte do trabalho sobre a representatividade feminina, será necessária, primeiramente, a investigação de diversas temáticas e compreensão de alguns conceitos a fim de desenvolver e aprofundar as discussões que circundam o tema principal.

Dessa forma, refletimos sobre a exequibilidade do trabalho com quadrinhos em sala de aula e especificamente nas aulas de Língua Portuguesa a partir dos capítulos “Uso das HQs no ensino” (VERGUEIRO, 2010) e “Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa” (RAMOS, 2010) presentes no livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* (RAMA e VERGUEIRO, 2010). Bem como a utilização

da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) como pano de fundo para respaldar o trabalho com as histórias em quadrinhos na sala de aula, visando uma interpretação autônoma e análise crítica.

Sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, a relação entre gênero e educação e a importância de uma pedagogia feminista na sala de aula serão utilizados *Gênero, sexualidade e educação* (LOURO, 1997) e *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (HOOKS, 2013).

Além disso, será realizada a análise de algumas HQs da personagem central da pesquisa, a fim de suscitar pontos de sua trajetória que corroborem o heroísmo e empoderamento feminino. *Miss Marvel* (MARVEL COMICS, 1979 [1977]) volume 1 marca o surgimento da heroína, como uma resposta às manifestações feministas; Serão analisados seis volumes da edição “*A maior heroína da Terra!*” (MARVEL COMICS, 2014 [2012]) a qual consagra a personagem que agora recebe o nome pelo qual é conhecida atualmente, Capitã Marvel, e lhe dá mais protagonismo e relevância; e os cinco volumes de *A vida da Capitã Marvel* (MARVEL COMICS, 2019 [2018]) que faz um levantamento da vida de Carol Danvers, a mulher por trás da heroína, buscando abordar questões atuais e humanizar a personagem ao levantar problemáticas como ansiedade e reconhecimento da própria identidade. Portanto, serão analisadas ao todo doze HQs da Capitã Marvel.

### **3. JUSTIFICATIVA**

#### **3.1 A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS**

Desde os primórdios da história da humanidade, o homem percebeu a importância de registrar eventos do seu cotidiano. A princípio isso ocorreu de maneira pictográfica, utilizando desenhos que representavam a caçada do dia ou medidas de segurança para serem lembradas posteriormente. Logo, as imagens passaram a ser linguagem e a contar uma história. Séculos depois chegamos às histórias em quadrinhos, rememorando a imagem como um recurso narrativo.

Na década de 1920 iniciou-se a tendência de representar de maneira mais realista as pessoas e objetos nas histórias em quadrinhos, “ampliando o seu impacto junto

ao público leitor” (RAMOS, 2014, p. 94), isto porque as pessoas estavam, cada vez mais, buscando se identificar com os personagens e o conteúdo que consumiam. Ou seja, ainda no início do *boom* das HQs já havia a tendência de identificação com o conteúdo, almejando identificar alguma familiaridade entre história e realidade.

Ademais, as publicações periódicas aproximaram a relação entre as obras e os consumidores, os quais passaram a acompanhar a mesma história por um período maior de tempo com os *comic books* — os gibis. Foi nesse contexto que surgiram as histórias de super-heróis, que rapidamente se tornaram populares entre os consumidores mais jovens. O processo de identificação agora passa por um outro viés, não apenas olhar para o personagem e reconhecê-lo como ser humano, mas percebê-lo como uma versão melhorada de si mesmo. Alguém capaz de feitos incríveis, de poderes sobre humanos, mas que ainda assim possui a aparência e valores morais parecidos com a realidade.

Um dos principais fatos históricos que inspirou e alavancou a popularidade das histórias em quadrinhos foi a Segunda Guerra Mundial. Em algumas HQs a guerra foi levada para dentro das histórias, e os heróis, antes ocupados com os próprios conflitos, passaram a lutar numa guerra de verdade. Assim, a possibilidade de ler nas páginas um fato que estava acontecendo na vida real, trazia, de certa forma, a falsa impressão de que o perigo estava contido nas páginas — uma maneira de fugir da realidade assustadora.

Foi nesse contexto que surgiu o famoso Capitão América, o herói criado para ser a personificação dos valores americanos e um símbolo na luta contra os nazistas. Não por acaso o aniversário do Steve Rogers, o homem por trás do escudo, é 4 de julho, dia da independência Norte Americana. Nas HQs, Rogers foi um dos responsáveis por fazer com que os Aliados ganhassem a guerra, por isso, é uma ótima representação do personagem criado com o propósito de unir realidade e ficção, além de servir como exemplo de certos valores morais — como honra e patriotismo. O fato é que as histórias em quadrinhos e os heróis não servem apenas para o entretenimento, mas também servem de vitrine para diferentes “bandeiras morais”, e são um reflexo da sociedade a qual pertencem, acompanhando suas diferentes mudanças.

No entanto, na mesma proporção, as HQs já foram mal vistas e criticadas pela influência que exerciam sobre os jovens. Com a popularidade dos quadrinhos entre os adolescentes era de se esperar que, ao provocar identificação, conseqüentemente houvesse uma influência na atitude dos jovens consumidores. Tal efeito passou a gerar temor entre pais e alguns profissionais que criticavam severamente o consumo dos quadrinhos sob a justificativa que os jovens seriam estimulados a repetir o comportamento de seus heróis favoritos. O que poderia significar se colocar em perigo: "O contato prolongado com as histórias do Superman poderia levar uma criança a se atirar pela janela de seu apartamento, buscando imitar o herói." (VERGUEIRO, 2010, p. 120) ou ainda apresentar princípios que divergissem dos defendidos por seus pais.

Esse movimento de censura aos quadrinhos, embora tenha sido mais forte nos Estados Unidos, também se manifestou em diversos países, inclusive no Brasil. Foi uma tendência mundial com críticas semelhantes que podou as produções em todo o globo, influenciando nas temáticas e conteúdo. No Brasil chegou a existir um "Código de Ética dos Quadrinhos", o qual descrevia algumas regras que as HQs precisariam seguir para serem aprovadas para publicação. Dentre as quais estavam: "As histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais." (SILVA, p. 102-104)

Surge, então, o embate em relação ao que pode ou não ser retratado nas páginas, levando à discussão sobre liberdade de expressão e afins. É compreensível e válida a preocupação em adequar as temáticas à faixa etária correspondente, no entanto, atrofiar as reflexões e envolver os jovens numa bolha, ignorando diferentes realidades, não parece o caminho certo.

Tal receio resultou em um período em que os quadrinhos tornaram-se uma literatura estigmatizada, vista como infantil, fútil e responsável por "afastar as crianças de objetivos nobres", sugerindo que as crianças e jovens devessem ler algo mais produtivo, o que comumente é atribuído à literatura canônica. Porém, os quadrinhos não são apenas para entretenimento, podendo ser uma poderosa — e prazerosa —

ferramenta para acessar o universo dos jovens e estabelecer um diálogo ao abordar temas latentes na sociedade.

### 3.2 AS REPRESENTAÇÕES NOS QUADRINHOS

No imaginário popular a figura heróica sempre é relacionada ao homem, como exemplo máximo de força, coragem e poder. Tal representação é, na verdade, um reflexo da sociedade em que estamos inseridos, a qual raras vezes coloca a mulher em posição de protagonismo. Por isso, urge a necessidade de levar para a sala de aula exemplos positivos de representatividade feminina a fim de apresentar caminhos possíveis para romper com os estereótipos machistas de uma sociedade patriarcal.

A identificação com os personagens que consumimos está diretamente ligada à autoestima e reconhecimento identitário, ou seja, a presença e influência das multissemiões — literatura, música, cinema — é tão significativa que contribui consciente ou inconscientemente para a construção da imagem que temos de nós mesmos.

Dessa forma, garantir que jovens em idade escolar tenham contato com influências de representações femininas positivas pode mudar a percepção que meninos e meninas têm de si mesmos e de seu lugar na sociedade. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos se tornam uma forte aliada em sala de aula, por apresentar uma linguagem atual e abordar os mais diversos temas, que como preconiza a BNCC, podem alcançar diversas camadas sociais.

A escolha da Capitã Marvel para conduzir o estudo deu-se principalmente por se tratar da heroína principal da grande editora de histórias em quadrinhos, a Marvel Comics. A heroína também foi a primeira a protagonizar um arco solo, tendo as próprias histórias, conflitos e progressões, sendo um dos melhores exemplos das atualizações que ocorreram motivadas pelas questões sociais que buscavam por mais representatividade feminina e, por isso, trazem uma heroína forte, decidida e poderosa.

Trabalhar na sala de aula materiais que tenham mulheres em posição de destaque permitirá que as meninas se reconheçam e enxerguem a possibilidade de ocupar espaços que antes eram destinados aos homens. Da mesma forma, possibilitará que os meninos tenham um referencial de heroísmo e protagonismo feminino, se desvencilhando da ideia do “homem salvador” a quem cabe todas as responsabilidades e méritos.

### 3.3 AS HQS NA SALA DE AULA

Por muito tempo vistas como “inimigas do ensino e do aprendizado” (RAMOS, 2014, p.187) as HQs podem ser, na verdade, heroínas e aliadas, pois, qualquer literatura, se bem trabalhada, pode ser um aporte eficaz ao trazer para a sala de aula elementos do universo dos alunos. Essa aproximação com os quadrinhos não exclui a literatura canônica, ou a afasta da sala de aula, pelo contrário, “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino.” (RAMOS, 2014, p. 351) podendo agregar valor e conferir um olhar aprimorado e crítico às aulas ao mostrar que os alunos não estão à margem do processo de ensino-aprendizagem, mas são parte fundamental dele, que seus gostos são válidos e que podem também ser fonte de conhecimento.

Então, ao tratar de Histórias em quadrinhos na sala de aula, muito se é falado sobre as adaptações, isto é, obras clássicas e canônicas que são adaptadas aos quadrinhos para facilitar a aceitação e compreensão dos alunos. Embora essa estratégia seja bastante proveitosa, é importante destacar a necessidade de levar obras escritas originalmente para o formato dos quadrinhos. Pois, ao trazer apenas adaptações, voltamos à velha questão de que sala de aula não é lugar para os quadrinhos ou de que os quadrinhos não possuem conteúdo, nem linguagem específica, e carecem de nobreza e conhecimento.

No Brasil, a virada de chave ocorreu após a década de 1990 quando vários autores de livros didáticos passaram a incluir a linguagem dos quadrinhos em seu material, sendo que tal processo é extremamente recente, por isso a prática ainda não é comumente adotada e sofre com a resistência de alguns docentes que ainda

enxergam as HQs como uma literatura “marginalizada”. Porém, a inclusão nos livros didáticos foi um grande passo para a inserção, ainda que precária, das Histórias em Quadrinhos no ambiente escolar.

O reconhecimento das HQs pelos órgãos regulamentadores da educação, além de garantir a inserção desse material de maneira formal, garante ao educador orientações valiosas de como trabalhar os quadrinhos unindo-os aos temas integrais e ao conteúdo específico de cada disciplina. Segundo Ormundo, “por suas várias semioses, a HQ revela-se um gênero produtivo para o desenvolvimento da habilidade de leitura, sobretudo no que tange à exploração de efeitos de sentido.” (ORMUNDO, 2018)

A partir da perspectiva de que “Existe um alto nível de informação nos quadrinhos [...] cada história em quadrinhos oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula” (RAMOS, 2014, p. 288) defendemos a utilização das HQs para trabalhar a criticidade dos alunos e ampliar discussões, nesse caso, acerca da representatividade feminina. Os alunos poderão traçar, então, um paralelo entre as páginas das histórias, a sociedade atual e o ambiente em que vivem, estimulando-os a refletir sobre temas que não são comumente explorados em sala de aula, apesar de estarem presentes no seu dia a dia.

#### **4. METODOLOGIA**

A presente pesquisa será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, pois preocupa-se em analisar “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (CÓRDOVA e SILVEIRA, 2009, p. 34). Além disso, contará com procedimento bibliográfico, realizado através da investigação acerca do aporte teórico já publicado em livros e artigos para aprofundar o debate sobre o tema, a pesquisa conta também com o procedimento documental, uma vez que realizará a análise de alguns quadrinhos da Capitã Marvel, personagem objeto do estudo.

O percurso metodológico iniciará a partir da investigação teórica sobre as temáticas que circundam o tema principal, tais como refletir sobre a aplicabilidade dos

quadrinhos na sala de aula, analisar a representação da mulher nas histórias em quadrinhos e as implicações disso na construção identitária de crianças e jovens, além de compreender o conceito de letramento e multiletramentos.

Em seguida será realizada uma investigação documental analisando os quadrinhos “*Miss Marvel*”, de 1977, quando a Capitã Marvel ainda não era nomeada assim; a edição *Capitã Marvel 1 “A maior heroína da Terra!”* publicado em 2012 e escrito pela roteirista Kelly Sue DeConnick e “*A Vida da Capitã Marvel*” escrito por Margaret Stohl e publicado em 2018, apresentando uma representação um pouco mais atual da heroína. As HQs servirão para apresentar a trajetória da personagem, caracterizando as mudanças as quais buscaram atender novas demandas sociais e ilustrar as razões pelas quais a heroína se enquadra como exemplo de uma “representatividade feminina positiva” para ser levada à sala de aula. Será realizado o comparativo das edições mais antigas (1977) até as mais recentes (2012-2018) efetuando um recorte dos principais arcos narrativos que demonstram exemplos de heroísmo e importantes mudanças na composição da personagem.

## **5. ANÁLISE QUADRINHOS**

### **5.1 Miss Marvel V1 (1977)**

A primeira aparição da heroína nos quadrinhos foi em 1968 na HQ *Marvel Super Heroes #13* em que Danvers era membro da Força Aérea Americana e ainda não possuía poderes, que só foram conquistados no ano seguinte, ao ser atingida pela explosão de uma máquina Kree — uma raça alienígena existente no universo da Marvel Comics. No entanto, para os fins deste estudo será utilizada a edição em que ela inicia a jornada como heroína, a qual conquista o protagonismo e uma edição própria, e não necessariamente a do início de seus poderes.

Em sua HQ de estreia, *O Enigma de uma Guerreira*, Carol Danvers, ainda chamada pelo codinome de *Miss Marvel*, apresenta características bastante diferentes das que conhecemos hoje. Um exemplo aparece logo na capa: o traje utilizado pela heroína é, claramente, uma proposta apelativa para revelar suas curvas.

A heroína nesse momento ainda se veste com um uniforme que lembra muito o do Capitão Marvel — de quem herdará o nome futuramente. Este momento serve para dar continuidade à introdução da personagem, explicando que o motivo de seus trajes serem iguais aos do Capitão é porque ambos compartilham a origem *Kree*. No entanto, nota-se que mesmo o uniforme da heroína sendo claramente inspirado no do Capitão Marvel, o personagem masculino possui trajes bem menos reveladores que a sua parceira de editora.

Danvers aparece com mangas longas e luvas, porém a barriga está exposta e ela sequer utiliza calças, mas uma tanga que mais se assemelha a um biquíni. Em uma situação de batalha, por exemplo, esse uniforme não seria nem um pouco útil, uma vez que deixa o corpo da protagonista exposto a possíveis ataques. Logo, não há outra explicação para a escolha da vestimenta a não ser o apelo sexual.

Figura 4:



CAPTAIN MARVEL: The life of Captain Marvel. Nova Iorque: Marvel Comics, 1985

Figura 5:



MS. MARVEL. Nova Iorque: Marvel Comics, 1977

Nos dois textos presentes na capa de *Ms. Marvel* também percebemos a tentativa de destacar que a heroína não estará sozinha. Ao mencionar “uma brava heroína na melhor e formidável tradição do Homem-Aranha!” a menção ao herói já conhecido, parece ser uma tentativa de validar os feitos da protagonista, como se precisasse de

um respaldo masculino para comprovar sua força. Bem como no trecho mais abaixo que diz: “Se você já se impressionou com nossa protagonista, espere só pra ver o espantoso elenco de apoio dela!” mais uma vez fazendo questão de mencionar que a heroína contará com a ajuda de outros personagens.

Em suas primeiras páginas a Miss Marvel dá uma demonstração de sua força ao combater um grupo de bandidos que tentavam fugir de carro. De cara, sabemos que um de seus poderes é a capacidade de voar. Ao ser questionada por um dos vilões “uma mulher voadora?!” ela responde: “eu posso fazer muito mais do que voar, meu caro!”. Logo após a heroína ergue o veículo com as mãos, impedindo a fuga. Mesmo com o sucesso da missão, Danvers se sente perdida em relação a sua própria identidade. Em determinado momento afirma que possui os poderes da raça *Kree*, no entanto, no momento seguinte parece confusa, quando questiona a própria afirmação ao recordar que é, na realidade, uma humana.

Parte dessa confusão se dá por estar enfrentando um momento de amnésia o qual impede a heroína de sequer recordar o próprio nome. Por isso, ao ser questionada, observa o traje parecido com o do Capitão Marvel, e decide se chamar *Miss Marvel*. Assim, sabemos que a escolha do codinome é feita pela própria Carol Danvers.

É importante ressaltar que nos Estados Unidos, o pronome de tratamento “miss” pode ser traduzido como “senhorita”, fazendo referência ao estado civil da mulher, que adota tal pronome enquanto é solteira. Futuramente, ao assumir o manto de *Capitã Marvel*, Carol deixa esse estigma para trás, pois em inglês tanto “capitã” quanto “capitão” possuem a mesma grafia — *captain* — impossibilitando a identificação do gênero do indivíduo ou de seu estado civil.

Figura 6:



MISS MARVEL: O enigma de uma guerreira. Disponível em: [Miss Marvel \(1977\) - Capítulo 01 - HQ Dragon](#) Acesso em: 04 out. 2022.

O final do capítulo vem trazendo uma reflexão quanto à identidade da protagonista, desde já separando as instâncias entre a vida privada e a vida de heroína. A ideia de que praticamente duas mulheres coexistem dentro do mesmo corpo, sem que uma tenha conhecimento da existência da outra, humaniza a personagem ao explorar a percepção de que, assim como nas histórias de outros heróis, a Carol Danvers tem problemas diferentes dos da Miss Marvel.

## 5.2 Capitã Marvel: A maior heroína da Terra! (2012) V1 - 6

Se em sua primeira aparição como heroína Carol Danvers é contratada pelo Clarim Diário, aqui, ela é a notícia principal, sob a manchete: “Miss Marvel desmascarada! Uma exclusiva com a maior heroína da Terra” e continua ao afirmar que a personagem está de volta com “uma nova atitude e um novo uniforme”, adiantando as possíveis mudanças na história da personagem e em sua representação nos quadrinhos. Parte disso se deve ao fato de que o roteiro desta edição foi escrito por uma mulher, Kelly Sue DeConnick, logo, tal fato transparece em determinadas atitudes da personagem. Algumas mudanças são percebidas logo de cara: o traje agora é completamente fechado, como uma peça inteira, diferente do antigo que a deixava com o abdômen e pernas expostos.

Figura 7:



CAPITÃ MARVEL: A maior heroína da Terra. São Paulo: Panini, 2014

Em um momento de auto análise, Carol Danvers reflete sobre a possibilidade de assumir o manto que pertencia ao Capitão Marvel, uma vez que já está utilizando o traje e as cores que remetem a ele. Danvers pontua os prós e contras de ser uma heroína e todas as coisas das quais precisou abrir mão para garantir o sigilo de sua identidade. O contraste entre a persona super poderosa e a mulher que possui dúvidas e dores traz a personagem para mais perto do público, recordando que além dos problemas próprios da vida de salvadora do mundo, também possui dramas caros à parcela comum da população. A fragilidade de Danvers, nesse caso, não se apresenta como fraqueza, mas como demonstração de sua humanidade.

Durante mais uma exibição de suas incríveis habilidades ao levar pouco menos de dois minutos para chegar da Broadway até o fim da atmosfera terrestre, Carol reflete sobre a própria jornada, decidindo, então, aceitar o codinome de seu antigo mentor. Nasce a Capitã Marvel.

A HQ também explora a enorme admiração que Danvers tinha pela piloto Helen Cobb, uma de suas inspirações na Força Aérea. A piloto desafiava a heroína a testar os próprios limites, e mesmo depois de não terem mais contato, ainda possuía grande influência nas decisões de Danvers, quase como uma guia. No episódio de auto reflexão da heroína, por exemplo, enquanto questiona-se sobre aceitar ou não o nome “Capitã Marvel”, Carol pensa no que Cobb faria em seu lugar. Por isso, embora o codinome tenha sido proveniente de um homem, muitos dos ensinamentos e inspirações vêm de uma mulher.

No volume 2 da edição, a Capitã Marvel decide pilotar o avião de sua falecida amiga Helen Cobb. Ao bater o recorde da piloto e avançar ainda mais na atmosfera, Carol acaba viajando para o passado, mais especificamente a 1943, onde conhece um grupo de mulheres pilotos da força aérea, o *Esquadrão Banshee*. É neste encontro que a Carol Danvers se apresenta pela primeira vez como “Capitã Marvel”, pois já não possui mais dúvidas quanto a esse título e reconhece sua capacidade de recebê-lo.

É interessante destacar a capa da edição, que remonta a famosa ilustração de uma mulher contraindo o bíceps em sinal de força, e afirmando: *We Can Do It!* — Nós podemos fazer isso — a imagem surgiu no ano de 1943 como parte de uma propaganda de guerra a fim de estimular as mulheres ao trabalho e não possuía nenhuma ligação com o feminismo. Só na década de 1980 é que a imagem voltou à circulação, sendo apropriada pelo movimento feminista e recriada diversas vezes, agora como forma de empoderamento e símbolo da resistência feminina.

Figura 8:



CAPITÃ MARVEL: A maior heroína da Terra. São Paulo: Panini, 2014

Figura 9:



WE CAN DO IT! J. Howard Miller, 1943

Adentrando as entrelinhas da história, ao revelar às recentes amigas que durante o momento em que recebeu os poderes também desejou se sentir poderosa a ponto de evitar que algo de ruim acontecesse a ela e seu amigo — o então Capitão Marvel — Carol revela uma situação muito comum às mulheres: a sensação de impotência frente a alguma situação de ataque ou violência. Dessa forma, tal confissão pode ser entendida como uma metáfora sobre a maneira como a mulher é vista e existe na sociedade. "Queria ser poderosa o suficiente para impedir isso. Que eu fosse forte o suficiente para me salvar e salvar o meu amigo." (MARVEL COMICS, 2012, p. 11) O anseio pelo poder não vem do sentimento de ganância, mas do desejo de não sentir-se incapaz.

O roteiro desenvolvido por DeConnick dá muito mais ênfase às habilidades da Capitã em batalha, sua estratégia e a forma de conduzir o Esquadrão, além de explorar a relação dela com as Banshee, desenvolvendo uma HQ repleta de empoderamento feminino, com mulheres que se ajudam, se apoiam e lutam juntas. Ao mesmo tempo, nenhuma delas é tratada como um mero objeto ou uma arma de guerra, pelo contrário, suas histórias são levadas em consideração atribuindo mais profundidade às personagens.

Durante a história, a Capitã inicia uma viagem através do tempo e do espaço em busca de um artefato alienígena que pode estar relacionado à origem de seus poderes. Porém, essa viagem, além do objetivo de restaurar a ordem da linha do tempo, também serve como uma auto descoberta, na qual, Danvers, ao ter seus poderes colocados em risco, percebe como ela é, de fato, merecedora de possuí-los. A princípio, a jornada ao passado é uma forma da Capitã confrontar a própria identidade, colocando em xeque a mulher e a heroína. Porém, ao reviver o momento em que recebe os poderes e ter a oportunidade de evitar o acontecimento e mudar o próprio destino, Carol finalmente se dá conta de que, além de merecer, também gosta de ser poderosa.

### 5.3 Capitã Marvel: A vida da Capitã Marvel (2018) V1 - 5

#### **Parte um: Aprisionada**

Nesta HQ escrita por Margaret Stohl conhecemos um pouco da infância da Capitã Marvel. Somos apresentados a uma pequena Carol que adorava as férias de verão e os irmãos, Joe Jr. e Stevie. No entanto, também possuía diversos problemas com o pai agressivo que batia nos filhos, problemas esses que continuam reverberando em sua vida adulta.

É dia dos pais e Danvers recorda os momentos de tensão que experimentava ao lado do pai conturbado, tal lembrança interfere durante uma missão em que a heroína tem um acesso de raiva e uma crise de ansiedade. Impossibilitada de respirar, também acaba “pesando a mão” ao bater na vilã que tentava deter, sendo mais agressiva que o necessário.

Logo mais, descobrimos que Danvers desenvolveu transtorno de estresse pós-traumático familiar, graças aos inúmeros episódios de violência e silenciamento que presenciou, pois era obrigada a ficar calada e não intervir enquanto seus irmãos apanhavam. Dessa forma, a sensação de impotência e impunidade era uma questão que a perturbava desde essa época, uma vez que existia o desejo de ter poder para interferir, porém se via de mãos atadas frente à situação.

Assim, a heroína se vê precisando deixar de lado os problemas do mundo e olhar para dentro de si, enfrentando seus próprios fantasmas. A HQ vem mostrar que mesmo sendo super poderosa, Danvers também sente e enfrenta dores e problemáticas comuns a boa parte da população. Ao lidar com os traumas e as memórias da infância difícil e do pai agressivo, Danvers reflete a realidade de muitas famílias atualmente, abordando uma problemática universal e que pode ser bastante frutífera na sala de aula.

### **Parte dois: Caçada**

Além disso, a HQ revela que a heroína teve uma origem muito mais humana do que parecia. A família, que a princípio parecia perfeita, carrega dramas bastante comuns à realidade: o pai alcoólatra e violento, que batia nos filhos e silenciava a mulher; a mãe de Carol, a esposa maltratada que se cala frente às atitudes do marido para não "provocá-lo" e, por isso, acaba ficando ao lado dele ao invés de defender os filhos e poupá-los dessa situação. Uma família desestruturada que conferiu à Danvers traumas e ansiedade que ela carrega até a vida adulta. Mesmo depois de ganhar seus poderes, salvar o mundo diversas vezes e se tornar "a maior heroína da Terra", a pequena criança interna ainda gritava sem conseguir respirar nos momentos de crise em que sua infância vinha à tona.

Por isso, Carol se vê obrigada a dar uma pausa na vida de heroína e olhar para si e para as questões internas que carrega desde a infância, todos os traumas que nunca conseguiu superar e que a fazem ter crises de ansiedade até hoje. Mais uma vez a fragilidade da heroína lhe confere humanidade e a aproxima da realidade.

Em sala de aula a HQ seria bastante rica para tratar diversas problemáticas: a falta de diálogo familiar; a agressividade do pai para com os filhos, descontando possíveis frustrações nas crianças; a omissão da mãe que presenciava os episódios de violência, mas sem interferir; a dependência emocional da mãe que permaneceu no relacionamento apesar do alcoolismo do marido; os reflexos desse ambiente conturbado na vida dos filhos, gerando traumas que os acompanharam até a vida adulta; o transtorno de estresse pós traumático e as crises de ansiedade que podem atingir qualquer pessoa, até mesmo a grande heroína; e a necessidade de desmistificar tais temas.

Além disso, é nítida a sensação de insuficiência que Carol sente em relação ao pai, mesmo aparentemente o rejeitando e evitando pensar nele há, de certa forma, uma tentativa de agradá-lo, de ser suficiente para ele, sentimento que a persegue mesmo após a morte do pai. Uma suposta traição dele recém descoberta e o fato de que ele aparentemente era infeliz e “queria mais” do que a família poderia oferecer, reabrem uma ferida que nunca cicatrizou de fato.

Paralelo a isso, Danvers enfrenta o drama do traumatismo craniano do irmão, provocado por um acidente de carro enquanto ele dirigia bêbado. A heroína passa nove meses afastada das missões para ajudar a mãe a cuidar de Joe Jr., na antiga casa da sua infância, encarando inúmeros fantasmas do passado.

Além dos dramas familiares e das batalhas internas, uma nova batalha se aproxima sem que a Capitã Marvel se dê conta. Atraída pela ativação de um dispositivo que estava nas coisas do pai da heroína, uma soldado kree é enviada à Terra e se aproxima da casa de verão dos Danvers com um objetivo: atingir a Capitã Marvel.

### **Parte três: Capturada**

Carol está sempre tão preocupada em cuidar de tudo, das responsabilidades dos outros e de proteger o mundo, que esquece dela mesma, de suas dores e necessidades. Ela tem se colocado de lado há tanto tempo que apenas quando explode em uma crise de ansiedade, e é aconselhada por Tony Stark a dar uma pausa, que ela finalmente decide dar um tempo das missões. Mesmo assim, não quer encarar as verdades que esconde sob o tapete, negligenciando a própria saúde mental e as questões que a assombram desde criança. A heroína que nunca para se vê obrigada a pisar no freio, pois sua condição está começando a afetar sua boa execução em batalha.

Nesse arco, a Capitã Marvel mostra que até as heroínas mais poderosas precisam de uma pausa em alguns momentos para colocar a cabeça no lugar e como é importante olhar para dentro de si de vez em quando. Durante mais um episódio de ansiedade, a heroína cai num rio e, ainda que seja um empecilho relativamente fácil de ser superado, especialmente para ela, se vê incapaz de retornar à superfície,

paralisada pelo sentimento sufocante. É sua mãe quem a resgata, demonstrando como é importante uma rede de apoio para os momentos de dificuldade, até mesmo para “a pessoa mais forte do planeta” e, assim como no arco de 2012, Carol reencontra sua força na parceria feminina.

No momento em que a soldado kree retorna à cidade da Capitã em busca de destruição, ela é obrigada a voltar à ativa, deixando de lado seus problemas pessoais em prol de salvar a cidade de sua infância. Mais uma vez, a Capitã Marvel precisa sobressair à Carol Danvers.

#### **Parte quatro: Desafiada**

No entanto, há a revelação de que a soldado alienígena estava caçando Marie, a mãe de Carol, que é na verdade uma Capitã Kree. Assim, Danvers descobre que é uma híbrida humano-kree colocando sua identidade mais uma vez em xeque.

Tal revelação muda completamente o que Carol pensa sobre si mesma, pois, desde que recebeu os poderes durante a explosão do artefato kree, ela acreditava que havia sido um mero acidente, que havia “tomado” os poderes de Mar-vell, seu mentor, e sentido que, de certa forma, havia pego algo que não era seu. Porém, agora tem conhecimento de que todo seu potencial sempre esteve ali, guardado como genes inativos, e apenas foi ativado durante o momento da adrenalina — como um mecanismo de defesa da sua “metade alienígena”. Ela não ganhou os poderes como havia imaginado a vida toda, “não pegou emprestado. Não recebeu um dom. Não foi um acidente” (MARVEL COMICS, 2018)

Mesmo após se sentir merecedora desses poderes, Carol sempre pensou que os recebeu por um acaso, ou ainda, que os “pegou” de Mar-vell durante a explosão que o vitimou, porém eles fazem parte de quem ela é desde o princípio, algo intrínseco a ela que não dependia de merecimento. Porém, mesmo assim, durante sua jornada heróica, ela fez por merecer.

#### **Parte cinco: Campeã**

Para lutar contra a soldado inimiga e o esquadrão de drones alienígena Carol conta com a ajuda da mãe, que volta à ativa para defender a família. Danvers percebe que não está e nem precisa enfrentar esse desafio sozinha.

Após a vitória, Marie, ou Mari-ell, confessa que desde sempre sentiu que impedia a filha de “ser o que era”, enquanto o pai tentava esconder a menina por medo dela se machucar. Durante o tempo em que Danvers estava confusa quanto à própria identidade, ela sempre se comparava com a trajetória de Mar-vell, se questionando sobre o porquê de ter recebido os poderes e se comparava com Helen Cobb, almejando alcançar os feitos da piloto. Sentia-se perdida e deslocada, nem humana, nem kree. Até que então percebe que todo esse tempo sempre foi os dois, e que não precisava se comparar com nenhum dos seus mentores porque sempre carregou o potencial necessário para chegar onde chegou.

Mesmo sendo incrível e poderosa, a maior heroína da Terra tem lutado para ocupar seu lugar, sempre almejando ser mais, tentando provar seu valor e por vezes sem enxergar a própria grandeza, imaginando estar ofuscada pela luz daqueles em quem se espelhava — Mar-vell e Cobb. Porém, ao olhar para si em mais um momento de auto reflexão, a heroína tem uma epifania e se dá conta da própria autenticidade, pois por maior que tenha sido a influência dos mentores em sua jornada, eles apenas contribuíram para um potencial que já existia nela desde sempre. Ela tornou-se a maior heroína não por causa deles, mas por ela mesma. E então, se encontra novamente ao afirmar: “Preciso voltar a salvar o mundo, porque tenho certeza que é o único jeito que vou conseguir salvar a mim mesma.” (MARVEL COMICS, 2018) Não há mais dúvidas, ela é quem ela é: a Capitã Marvel.

Figura 10:



CAPITÃ MARVEL: Campeã. Nova Iorque: Marvel Comics, 2018

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a última HQ analisada, escrita por Margaret Stohl, mais uma vez pudemos perceber como a presença feminina na produção das histórias de heroínas é fundamental para a profundidade e sensibilidade das questões abordadas. A trajetória de Carol de volta à casa e à família descortina problemáticas bastante íntimas e fáceis de serem identificadas na vida fora das páginas, tendo sido explanada de tal maneira que é possível reconhecer a luta da personagem para estabelecer um equilíbrio entre pessoa e heroína. Para isso, ela conta com outro apoio feminino de peso, sua mãe, porém Mari-ell não se resume à presença materna, sendo, também, uma figura forte e poderosa.

Assim como as demais personagens femininas que apareceram durante as demais edições, suas histórias não são resumidas a um lugar único, mas apresentam diversas facetas, plurais e complexas. Além disso, há espaço na HQ para que suas narrativas sejam exploradas e não utilizadas como um artifício raso.

A Capitã Marvel e suas companheiras ao longo das edições analisadas — o Esquadrão Banshee, Helen Cobb, Marie — são um exemplo de parceria feminina e sororidade, não só em batalha, mas, principalmente, ao oferecerem apoio mútuo em questões pessoais, como a busca da própria identidade, traumas do passado e relação com a família. Tais HQs seriam, portanto, extremamente produtivas em sala para debater temáticas múltiplas e servir como o almejado exemplo de representatividade feminina positiva, em que as mulheres em questão são fortes, poderosas e verossímeis.

Bell Hooks em *Ensinando a transgredir* aborda o paradoxo feminista que acontece entre o feminismo branco e o negro, pois, historicamente falando, mulheres brancas têm estado alheias às questões das pretas há séculos, e pior, contribuindo para a manutenção de estereótipos e preconceitos. No capítulo “De mãos dadas com minha irmã - Solidariedade feminista” Hooks pontua que atualmente não se trata apenas de envolver as mulheres negras nas problemáticas ou passar a falar abertamente das questões de raça, pois não é assim que o problema será solucionado, mas, principalmente, dar voz e espaço às mulheres pretas para que elas falem das próprias dores, pois, possuem mais propriedade do que qualquer outra. A união não pode ser da boca pra fora, é preciso ser ativa, para que essa solidariedade feminina se estenda a diversos espaços, incluindo a escola.

Ao longo das HQs analisadas, Carol Danvers promove alianças com outras mulheres que só foram possíveis quando compartilharam suas dores e compreenderam umas às outras. Embora não haja a representação de raça entre os exemplos citados, é possível encontrar a essência feminista que Hooks pontua:

Para que o movimento feminista revitalizado tenha um impacto transformador sobre as mulheres, a criação de um contexto em que possamos entabular diálogos críticos e abertos umas com as outras, onde possamos debater e discutir sem medo de entrar em colapso emocional, onde possamos ouvir e conhecer umas às outras nas diferenças e

complexidades das nossas experiências [...] Quando criarmos esse espaço feminino onde pudermos valorizar a diferença e a complexidade, a irmandade feminina baseada na solidariedade política vai passar a existir. (HOOKS, Bell. 2013. p. 148-149)

A escola, portanto, pode e deve ser esse espaço feminino de apoio, escuta e reflexão, possibilitando, enfim, o que Hooks chama de solidariedade política, em que meninas sentem-se seguras a serem elas mesmas, expõem suas dores e fraquezas, e, principalmente, empoderam umas às outras.

Ainda tratando da importância de um espaço de “irmandade feminina” na sala de aula, Guacira Lopes Louro, ao citar que a pedagogia feminista voltada à sala de aula inspira-se em diversas propostas defendidas por Paulo Freire, destaca que “ainda que apresentem estratégias variadas, é possível perceber, na maioria dessas propostas, a busca de formas de aprendizagem, recursos ou procedimentos de avaliação que colocam em primeiro lugar as mulheres.” (LOURO, 1997, p. 115) isto é, propostas que tenham como destaque figuras femininas, que podem ser personagens relevantes nas histórias trabalhadas ou ainda autoras dessas histórias.

Os dualismos subjacentes a tais pedagogias já parecem anunciar uma concepção das relações de gênero em que o pólo masculino sempre detém o poder e o feminino é desprovido de poder — daí a necessidade de “fortalecer” ou de “dar poder” às mulheres. (Vale notar que fórmulas, estratégias ou dispositivos com esse propósito transcendem muito o espaço das escolas e universidades, pois além de situações didáticas ou de leituras pró-mulheres, têm sido produzidos jogos, brinquedos, filmes, bonecas que apresentam meninas/mulheres como protagonistas, como poderosas ou, por vezes, dotadas de super-poderes). (LOURO, 1997, p. 115)

Portanto, a utilização de exemplos de mulheres fortes e protagonistas, como é o caso da Capitã Marvel, em prol desse protagonismo feminino dentro e fora das mídias só tem a acrescentar na sala de aula. Isso porque, ao se trazer exemplos de personagens que fazem parte do cotidiano dos jovens para ilustrar questões tão relevantes como o empoderamento e a solidariedade feminina, abre-se espaço para uma mudança efetiva e, sabemos que só se pode pensar em mudança se houver, primeiramente, reflexão.

## **7. REFERÊNCIAS**

BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula** São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Fundamental. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2018.

CAPITÃ MARVEL: **A heroína mais poderosa da Terra**. São Paulo: Panini, n. 1-6, 2014

CAPITÃ MARVEL: **A vida da Capitã Marvel**. São Paulo: Panini, n. 1-5, 2019.

CONWAY, Gerry. Miss Marvel: **O enigma de uma guerreira**. Disponível em: [Miss Marvel \(1977\) - Capítulo 01 - HQ Dragon](#) Acesso em: 04 out. 2022.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo. **A pesquisa científica**. Porto Alegre: Ed.da UFRGS, 2009.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MELO, Kelli Carvalho; RIBEIRO, Maria Ivanilse Calderón. **Vilãs, Mocinhas ou Heroínas: linguagem do corpo feminino nos quadrinhos**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 105 - 118, ago/dez. 2015.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. São Paulo: Moderna, 2018

SOARES, Marcelle Pacheco; **A construção das personagens Mulher-Maravilha e Ms. Marvel nos quadrinhos durante a segunda onda do feminismo (1960-1980)**; Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021